

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Gabriel Martins Jorge

**IDEOLOGIA E FETICHISMO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio da Silva Peixoto.

Juiz de Fora  
2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Gabriel Martins Jorge**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672098A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **IDEOLOGIA E FETICHISMO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO**, desenvolvido durante o período de 30/06/2018 a 03/12/2018 sob a orientação de Luiz Antonio da Silva Peixoto, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Gabriel Martins Jorge

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# IDEOLOGIA E FETICHISMO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Gabriel Martins Jorge<sup>1</sup>

## RESUMO

O conceito de ideologia mostra que, para além de ser um conceito subjetivo e inconsciente, é utilizado e interpretado de diversas formas. O objetivo deste trabalho de conclusão de curso é mostrar que ideologia não pode ser encarada apenas como algo negativo ou como uma grande conspiração, mas, sim, como um processo, cuja compreensão desvenda toda uma estrutura social de dominação de classe. Aborda-se desde as compreensões de Ideologia das sociedades antigas como expressa na filosofia grega até a perspectiva dos pensadores do marxismo clássico e contemporâneo na análise do desenvolvimento do termo na sociedade capitalista moderna. Para tal, apoia-se na contextualização da Prof<sup>a</sup> Marilena Chauí na obra *O que é Ideologia*, da história do termo e conta-se com uma breve introdução à compreensão de K. Marx e F. Engels, corroborada por autores do marxismo contemporâneo, como Terry Eagleton, em *Ideologia: uma introdução*, Leandro Konder, na obra *A Questão da Ideologia* e Slavoj Žižek em *Bem Vindo ao Deserto do Real, Um Mapa da Ideologia* e sua crítica sobre *Política e Psicanálise na Era do Multiculturalismo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia; fetichismo; hegemonia; capitalismo; marxismo

## 1. Introdução

O conceito de ideologia - por seu acúmulo de sínteses e elaborações desde a filosofia grega, passando pela dicotomia racionalismo e empirismo, até o ápice da complexificação do pensamento filosófico na Alemanha do século XVIII - é um dos mais difíceis de se definir, uma vez que a palavra evoca diferentes conceitos culturalmente e temporalmente sensíveis. Portanto, o objetivo do presente trabalho é abordar algumas explanações do conceito, apresentados por diferentes autores contemporâneos relacionados à teoria marxista.

Sobre a percepção cronológica da noção de ideologia, Jorge Larraín coloca<sup>2</sup>,

“(…) mas a preocupação com alguns dos problemas cobertos por esta noção começou muito antes. Desde que tem havido sociedades de classe, tem havido fenômenos relacionados à legitimação intelectual de dominação social e outras fontes de distorção mental no conhecimento da realidade. Nesse sentido, a ideologia não é um fenômeno novo na história da humanidade. No entanto, o interesse em analisar e estudar sistematicamente esse tipo de fenômeno só aparece nos tempos modernos após a desintegração da sociedade medieval. De fato, o surgimento do problema mais tarde associado ao conceito de ideologia, está intimamente ligado às lutas de libertação da burguesia dos iugos feudais e para o surgimento da nova atitude crítica adequada ao pensamento moderno.” (LARRAÍN, 2007 p. 09)

As problemáticas (tanto como as pluralidades) de conceituação da noção de ideologia se fazem presentes desde a antiga sociedade escravocrata grega, onde a concepção de causalidade, de Aristóteles, e pré-determinação dos homens na divisão social justificava a ordem vigente. O mesmo ocorreu na sociedade medieval, cuja estrutura social era baseada no modelo de servidão. Em ambos os casos, a hierarquia reinante entre os grupos detentores do poder e homens a eles subordinados sinalizava as relações sociais pré-determinadas em estamentos. Tal verticalização das relações entre os

---

<sup>1</sup>Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: gabrielmartins03@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio da Silva Peixoto.

<sup>2</sup> Ver Jorge Larraín, *Concepto de ideología: La escala a sociedad del individuo*. Vol. 1: Marx.. Santiago, 2007. p. 09

homens tornava o labor, entendido como não meramente um trabalho, que pressupõe uma atividade racional, mas, sim, aquele forçado, braçal. A hierarquização dessas sociedades é então transportada para o mundo das idéias, onde para os pensadores das respectivas épocas, suas idéias explicavam a realidade, no entanto, a verdade é o contrário, a realidade que tornava as ideias factíveis e compreensíveis.

O termo ideologia propriamente surge no final do século XVII, quando Destutt de Tracy, no contexto da Revolução Francesa, buscava elaborar uma ciência da gênese das ideias<sup>3</sup>, exprimindo como a relação do homem com o meio em que vive poderia influenciar a formação de suas ideias. Ou seja, entender o ser humano a partir de um olhar crítico e científico para, com esses estudos, fazer a crítica da religião e da metafísica, levando em consideração as limitações da ciência na época. A análise de De Tracy observa como as diferentes formas da sociedade atuam sobre o homem e a população como um todo.

Com Napoleão, surge pela primeira vez o sentido pejorativo do termo, ao atribuir à ideologia as desgraças que afligiam a França em sua época. Como colocado por Chauí: “a ideologia, que inicialmente designava uma ciência natural da aquisição, pelo homem, das ideias calcadas sobre o próprio real, passa a designar, daí por diante um sistema de ideias condenadas a desconhecer sua relação real com o real.”<sup>4</sup>

Seguindo cronologicamente, no positivismo comteano, as sensações se tornam ponto de partida para o estudo da significação do termo ideologia, entretanto, esse mesmo passa a expressar também de forma ampla, as ideias de uma época, como senso comum ou como teorias de pensadores desse período histórico. Quanto a isso, explica Chauí

(...) ideologia é sinônimo de teoria, está sendo entendida como a organização sistemática de todos os conhecimentos científicos, indo desde a formação das ideias mais gerais, na matemática, até as menos gerais, na sociologia, e as mais particulares, na moral. Como teoria, a ideologia é produzida pelos sábios que recolhem as opiniões correntes, organizam e sistematizam tais opiniões e, sobretudo, as corrigem, eliminando todo elemento religioso ou metafísico que porventura nela exista. Sendo o conhecimento da formação das idéias, tanto do ponto de vista psicológico quanto do ponto de vista social, sendo o conhecimento científico das leis necessárias do real e sendo o corretivo das ideias comuns de uma sociedade, a ideologia, enquanto teoria, passa a ter um papel de comando sobre a prática dos homens, que devem submeter-se aos critérios e mandamentos do teórico antes de agir. (CHAUÍ, 1984 p. 26-27)

Em *As Regras do Método Sociológico*<sup>5</sup>, ao tratar dos fatos sociais, Durkheim, muito influenciado pela metodologia de Comte, afirma a necessidade da objetividade do cientista social, considerando ideologia o conhecimento da sociedade que não respeita a neutralidade do sociólogo imbuindo as percepções e opiniões pessoais, do cientista social, na análise da sociedade. O desdobramento desse pensamento de base positivista tem como consequência uma leitura aquém do objeto social, sendo a ideologia algo que “é simplesmente uma obstrução irracional ao conhecimento científico” (EAGLETON, 1997, p. 138).

Historicamente, o termo contém uma ampla variação de interpretações, como colocado por Terry Eagleton:

Por um lado, a ideologia não é um mero conjunto de doutrinas abstratas, mas a matéria da qual cada um de nós é feito, o elemento que constitui nossa própria

---

<sup>3</sup> Marilena Chauí, “O que é Ideologia”, p. 22.

<sup>4</sup> Marilena Chauí, O que é ideologia, São Paula, 1984, p. 24.

<sup>5</sup> Émile Durkheim, As Regras do Método Sociológico, São Paulo, 1999.

identidade; por outro lado, apresenta-se como um “todos sabem disso”, uma espécie de verdade anônima universal. (...) Na esfera da ideologia, o particular concreto e a verdade universal, deslizam sem parar para dentro e para fora um do outro, evitando a mediação de análise racional. (EAGLETON, 1997, p.31)

A ideia de ideologia como algo nocivo e feito para enganar, enquanto uma inversão da realidade social, foi consolidada em *A Ideologia Alemã*, de Marx e Engels<sup>6</sup>, que tratava a ideologia como uma espécie de consciência distorcida responsável por mascarar as condições sociais e colaborar para a reprodução do sistema hegemônico. No presente artigo pretende-se aprofundar na compreensão histórica deste conceito, explorar os autores que trabalharam com ele e, que de certa forma, contribuíram para a compreensão de ideologia atualmente. Busca-se explorar, também, para o enriquecimento da compreensão da totalidade da categoria *ideologia*, os conceitos de fetichismo, reificação e alienação, desenvolvidos por Marx e os marxistas, relacionados com a conjuntura contemporânea.

## 2. O conceito de ideologia

Originalmente uma ciência das ideias, como explicitado anteriormente, o termo ideologia foi utilizado no século XX para justificar extremos opostos, desde atrocidades nos governos fascistas, até movimentações pelos direitos civis que aconteceram ao redor do mundo. Um dos motivos pelos quais as pessoas investem suas vidas em algo que acreditam ideologicamente é descrito pelo filósofo Eagleton na passagem abaixo:

“A condição de ser oprimido tem algumas pequenas compensações, e é por isso que às vezes estamos dispostos a tolerá-la. O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, desejar e identificar-se com seu poder; e qualquer prática de emancipação política envolve portanto a mais difícil de todas as formas de liberação, o libertar-nos de nós mesmos. Mas o outro lado da história é igualmente importante. Pois se tal dominação deixar, por muito tempo, de propiciar suficiente gratificação a suas vítimas, então estas com certeza acabarão por revoltar-se contra ela. Se é racional acomodar-se a uma mistura ambígua de sofrimento e prazer marginal, quando as alternativas políticas mostram-se perigosas e obscuras, é também racional rebelar-se quando o sofrimento ultrapassa em muito as gratificações, e quando tal ação parece encerrar mais ganhos do que perdas.” (EAGLETON, 1997, p.13)

Ainda segundo Eagleton<sup>7</sup>, definir o que é ideologia não é algo simples, uma vez que o termo possui diversas descrições, sendo que algumas não podem coexistir por serem contraditórias. Dessa maneira, o autor pontua algumas definições que considera estar em circulação atualmente:

- a) o processo de produção de significados, signos e valores na vida social;
- b) um corpo de idéias característico de um determinado grupo ou classe social;
- c) idéias que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- d) idéias falsas que ajudam a legitimar um poder político dominante;
- e) comunicação sistematicamente distorcida;
- f) aquilo que confere certa posição a um sujeito;
- g) formas de pensamento motivadas por interesses sociais;
- h) pensamento de identidade;
- i) ilusão socialmente necessária;
- j) a conjuntura de discurso e poder;
- k) o veículo pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo;
- l) conjunto de crenças orientadas para a ação;

---

<sup>6</sup> Karl Marx e Friedrich Engels, *A Ideologia Alemã*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. X.X

<sup>7</sup> Ver Terry Eagleton. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 15

- m) a confusão entre realidade lingüística e realidade fenomenal;
- n) oclusão semiótica;
- o) o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social;
- p) o processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural. (EAGLETON, 1997, p.15-16)

Diante de todas as definições de ideologia colocadas por Eagleton, é possível notar que nem todas são compatíveis entre si, pois representam “qualquer conjunto de crenças motivadas por interesses sociais”<sup>8</sup> e, não, os valores e pensamentos dominantes de uma sociedade. Algumas definições podem ser pejorativas ou ambíguas e, há aquelas que envolvem questões epistemológicas, que consideram nosso conhecimento de mundo. Nem todas entendem ideologia como algo essencialmente negativo, considerando que podem ser até mesmo neutras. Como essa última, pode-se citar, por exemplo, a definição “b”, que considera ideologia como um conjunto de ideias características de um grupo de pessoas ou classe social, nos quais o indivíduo considera as próprias opiniões como sendo ideológicas, sem pressuposição de que essas podem não estar de acordo com a realidade, mas sem implicações propriamente negativas.

Quando é assumido que alguém fala ideologicamente, considera-se que essa mesma segue uma estrutura precisa de ideias pré concebidas que, na realidade, fazem distorcer a compreensão. Dessa maneira, falar de maneira ideológica é fazê-lo de forma repetitiva e sem originalidade. Nesse caso, o oposto de ideologia, como colocado por Eagleton, seria a “verdade empírica” ou “pragmática.”<sup>9</sup> No entanto, esta noção não considera que, sem algum tipo de pré concepção, não conseguimos identificar situações e muito menos opinar sobre elas. Não há pensamentos livres de pressupostos, cada pessoa possui o seus que são construídos a partir da posição ocupada por cada um no processo de produção da realidade social, e reprodução da vida e seus desdobramentos.

Outra definição apresentada é que ideologia seria um conjunto rígido de ideias. Porém, nem todo conjunto rígido de idéias é necessariamente ideológico<sup>10</sup>. Há ainda quem empregue o termo para se referir a crenças sistemáticas, onde o significado desse se torna, de maneira ampla, semelhante a filosofia. Mas, com frequência, o termo ideologia também é utilizado para sugerir noções que envolvem questões de poder, onde é legitimado o poder de certa classe dominante, o poder político. Isto posto, Eagleton cita John B. Thompson, um acadêmico que, em seu livro chamado *Studies in The Theory of Ideology*, afirma que estudar ideologia “é estudar os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação”. (EAGLETON, 1997, p. 19) Um poder dominante poderia se legitimar utilizando algumas estratégias, como por exemplo

“promovendo crenças e valores compatíveis com ele; naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo idéias que possam desafiar-lo; excluindo formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e obscurecendo a realidade social de modo a favorecê-lo. Tal “mistificação”, como é comumente conhecida, com frequência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais. Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexas.” (EAGLETON, 1997, p. 19)

Porém, ao confinar o termo ideologia às forças dominantes do poder social, entra-se em conflito com os movimentos de contestação diretas dessas estruturas de poder, esses mesmos tendo seus próprios argumentos ideológicos, contrapondo-se a ideologia dominante. Dessa maneira, é sugerida pelo

---

<sup>8</sup> Ver Terry Eagleton. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 16

<sup>9</sup> Idem p. 17

<sup>10</sup> Idem, p. 19

autor uma definição mais ampla do termo: “algo como uma intersecção entre sistemas de crença e poder político.” (EAGLETON, 1997, p.20). Essa problemática recebe respaldo na definição do filósofo político Martin Seliger, que define ideologia como “conjuntos de idéias pelas quais os homens [sic] postulam, explicam e justificam os fins e os meios da ação social organizada, e especialmente da ação política, qualquer que seja o objetivo dessa ação, se preservar, corrigir, extirpar ou reconstruir uma certa ordem social”. (EAGLETON, 1997, p. 20)

É importante lembrar que as diferentes acepções de ideologia derivam de histórias políticas e conceituais específicas e próprias. Mas, quanto mais amplo é tornado o conceito de ideologia, mais politicamente difuso ele se torna. Nesse sentido, Eagleton utiliza da teoria de Michel Foucault<sup>11</sup> para explicitar a impossibilidade de se alcançar o poder, que não se restringe aos exércitos e parlamentos, mas está presente também em nossas relações mais íntimas e atividades cotidianas e triviais. Seguindo essa teoria, estaríamos agindo de maneira propriamente ideológica ao limitar a concepção de poder às manifestações políticas mais óbvias que conhecemos.

Se ideologia está relacionada a poder, mas o poder é onipresente, então estende-se o conceito a ponto de torná-lo verdadeiramente vazio de significado, o tornando inutilizável como conceito ou categoria de análise. No entanto, a multiplicidade do conceito não o desvaloriza quando o utilizamos para diferenciar as lutas de poder que são intrínsecas as formas de vida social, cujas falas só podem ser analisadas de forma completamente contextualizada., uma vez que “a ideologia tem mais a ver com a questão de quem está falando o quê, com quem e com que finalidade do que com as propriedades lingüísticas inerentes de um pronunciamento.”<sup>12</sup>

### 3. A visão marxista de ideologia e fetichismo

Como já comentado, Karl Marx possui uma visão negativa sobre ideologia e em sua obra *Ideologia Alemã*, escrita em conjunto com Friedrich Engels, a ideologia é colocada de forma generalizada e voltada para o seu contexto histórico de disputa com os principais ideólogos alemães da época (Feuerbach, S. Strauss, Max Stirner, Bruno Bauer entre outros). As considerações de Marx nesta obra se dão a partir da sociedade capitalista européia do século XIX, que enfrentava revoluções no restante do continente. Para o autor a história é fruto de um conhecimento dialético e materialista da realidade social e entre suas fontes a filosofia de Hegel é criticada em alguns aspectos e conservada em outros.

Para se aproximar do modo de constituição real do sistema capitalista deve-se compreender a relação social existente entre aquele que é proprietário privado dos meios de produção e quem é o trabalhador, relação essa que é exploratória. Na concepção materialista de Marx, as relações sociais são entendidas como relações de produção, ou seja, como o modo pelo qual os homens produzem, reproduzem e transformam suas condições materiais de existência e o modo como pensam e interpretam as relações que permeiam suas vidas. Sobre isso Marilena Chauí coloca: “(...) a mercadoria não é uma coisa (como aparece), mas trabalho social, tempo de trabalho. E que não é qualquer tempo de trabalho, mas tempo de trabalho não pago, portanto a mercadoria oculta o fato de que há exploração econômica.” (CHAUÍ, 1984. p. 51)

A partir do entendimento da determinação das condições da existência social dos homens, vemos a real forma de alienação do capitalismo como a alienação do trabalho. No trabalho alienado, o produtor não pode se reconhecer no produto de seu trabalho, “porque suas finalidades reais e seu valor não dependem do próprio trabalhador mas do proprietário das condições de trabalho.” (CHAUÍ, 1984. p.

---

<sup>11</sup> Ver Terry Eagleton. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 20

<sup>12</sup> Idem, p. 22

55) Não apenas isso, tem-se o produto com um poder independente e alheio ao produtor. E assim, a mercadoria aparece resultante dessas relações de produção, como um bem que se compra e se consome. Deste modo,

“(...) o trabalhador passa a ser uma coisa denominada força de trabalho que recebe uma outra coisa chamada salário. O produto trabalho passa a ser uma coisa chamada mercadoria que possui uma outra coisa, isto é, um preço. O proprietário das condições de trabalho e dos produtos do trabalho passa a ser uma coisa chamada capital, que possui uma outra coisa, a capacidade de ter lucros. Desaparecem os seres humanos, ou melhor, eles existem sob a forma de coisas (...)” (CHAUÍ, 1984. p. 58.)

Esse processo onde o produto deixa de ser uma simples coisa e passa a reger e controlar a vida das pessoas que o produzem, dá origem ao entendimento que Georg Lukács apresenta como *reificação*. Essa, “afigura-se não apenas como característica central da economia capitalista, mas como ‘o problema estrutural central da sociedade capitalista em todos os aspectos’”. (LUKÁCS apud EAGLETON, 1997. p. 94.) A aparente autonomização dos produtos e processos humanos geram uma inversão, onde, como nas palavras utilizadas por Marilena Chauí: “o social vira coisa e a coisa vira social.”<sup>13</sup>

O fenômeno de alienação atrelado ao da reificação, são capazes de submeter os homens aos produtos de sua própria atividade. Relacionando-se a esses, Marx nos apresenta, com sua dialética materialista, o conceito de *fetichismo da mercadoria*. Como a expressão sugere, a mercadoria é um fetiche, “existe em si e por si”<sup>14</sup>, mas não somente, também tem poder sobre aqueles que a adoram. Como apontado por Lukács, “na sociedade capitalista, a forma da mercadoria permeia todo aspecto da vida social, assumindo a forma de uma ampla mecanização, quantificação e desumanização da experiência humana.” (LUKÁCS apud EAGLETON, 1997. p. 93.)

A fragmentação da experiência social, reforça, estabiliza e leva a perpetuação da forma determinada das divisões de trabalho e relações sociais. Na obra *A Ideologia Alemã*, as condições materiais resultantes desse processo estão associadas a consciência e levam ao surgimento das ideias. No entanto, os homens deixam de representar nessas ideias suas respectivas realidades e, representam então o modo como essa lhes aparece de maneira imediata. As relações sociais são representadas dessa maneira, de forma invertida. Essas, aparecem “nas ideias como se fossem coisas em si, existentes por si mesmas e não como consequências das ações humanas” (CHAUÍ, 1984, p.64) e das imposições da sociedade. A partir disso temos a ideologia propriamente dita, como o “sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais” (CHAUÍ, 1984, p.65). A aparente contradição que nos é apresentada através dessa significação, parece existir entre as relações e o mundo material, quando na verdade é a simples consequência da contradição que existe no mundo social. Enquanto isso, a real contradição que existe entre as forças produtivas e as relações sociais, permanece incógnita.

Seguindo o materialismo histórico e dialético de Marx, a ideologia é um dos meios usados por aqueles que são dominantes para exercer sua dominação, passando sem serem percebidos pelos que são dominados. Utilizam-se os conceitos já apontados de alienação, associado à reificação e à fetichização, para tornar objetivamente possível que a ideologia oculte a verdadeira dominação.

As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas como ideias; (...) Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam. Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre

---

<sup>13</sup> Ver Marilena Chauí, O que é ideologia, São Paulo, 1984, p. 59

<sup>14</sup> Ver Terry Eagleton. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 1997. p.57

outras coisa, dominem também *como pensadores*, como *produtores de ideias*; que regulam a produção e distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época. (MARX apud CHAUI, 1984)

Sendo responsável pela produção intelectual de toda uma época, a classe dominante torna suas ideias, ideias de todas as classes sociais. Nesse momento onde há a separação social do trabalho material ou manual e do trabalho intelectual que é determinado por Marx e Engels, como surgimento das ideologias.<sup>15</sup>

#### 4. A questão da pós-modernidade e o Capitalismo contemporâneo

A passagem da modernidade à pós-modernidade se dá a partir dos anos 1970 sob uma nova fase do desenvolvimento do modo capitalista de produção, que transita do modelo de produção fordista para o modelo de acumulação flexível. Sendo esse novo modelo, responsável pela flexibilização e precarização das condições de trabalho. Essa transformação econômica, se dá globalmente e é responsável também por mudanças ideológicas. Sobre isso, como sintoma da universalização dessa evolução contemporânea do capitalismo, temos a pós-modernidade, cuja linha de pensamento é contextualizada por Eagleton:

Essa maneira de ver, como sustentam alguns, baseia-se em circunstâncias concretas: ela emerge da mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo — para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de "políticas de identidade". (EAGLETON, 1998, p. 2)

A ideologia pós-moderna está presente em discursos mercadológicos, midiáticos e culturais, que sustentam o mercado e estimulam o “consumismo passivo e apolítico, exatamente dois traços que caracterizam o Capitalismo contemporâneo”, como apontado por Žizek.<sup>16</sup> Essa mesma ideologia promove a pluralidade, a liberdade criativa, sexual, de gênero e racial, celebrando as diferenças e enaltecendo o indivíduo. A simbologia derivada desse sistema, é seguida pela dinâmica do mercado, ocultando e legitimando a exploração social que advém da produção econômica contemporânea. Ainda para o autor,

“Assim, seria preciso reafirmar a velha crítica marxista da “reificação”: hoje, enfatizar a lógica econômica “objetiva” despolitizada contra formas de paixões ideológicas supostamente “superadas” é a forma ideológica predominante, pois a ideologia é sempre auto-referente, ou seja, sempre define a si mesma por meio de uma distância em relação a um Outro rejeitado e denunciado “ideológico”. (ŽIŽEK, 2005. p. 23.)

No capitalismo flexível, a lógica do mercado universalizada, age de forma a fragmentar o sentido do corpo coletivo da sociedade, deslocando a experiência social, “de modo que, sob sua influência, esquecemos que a sociedade é um processo coletivo e passamos a vê-la meramente como este ou aquele objeto ou instituição isolados.”<sup>17</sup> Sob essa ótica, retoma-se o conceito de reificação, alienação e fetichização para elucidar a forma central e estruturante do capitalismo, que apesar das transformações sofridas ao longo dos séculos, ainda conta com a lógica de consumo, sendo essa a única regra social possibilitada.

Sobre essa personificação sofrida pela mercadoria, Konder pondera:

---

<sup>15</sup> Ver Marilena Chauí, O que é ideologia, São Paulo, 1984, p. 60

<sup>16</sup> Ver Slavoj Žizek [et al]. Žizek crítico: Política e Psicanálise na Era do Multiculturalismo. 2005. p. 21

<sup>17</sup> Ver Terry Eagleton. Ideologia: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 90

As mercadorias parecem ter vida própria, dão a impressão de se moverem por si mesmas. Nossos olhos são condicionados para enxergarem coisas que se movimentam, objetos por trás dos quais desaparecem os sujeitos que promovem os deslocamentos. (...) Difundem-se por toda parte e com insistência as imagens de uma objetividade ilusória, que encobre e mascara a presença da subjetividade, quer dizer, disfarça a realidade das iniciativas contraditórias e das motivações contrastantes de seres humanos divididos. (KONDER, 2003. p. 47.)

## 5. Conclusão

Este trabalho de conclusão de curso não tem qualquer intenção de ser exclusivo sobre o tema abordado, tendo em vista a dificuldade de precisar o significado, ou ainda, abraçar toda a pluralidade do conceito de ideologia. Como bem apontado por Žizek, sobre a compreensão contemporânea da ideologia:

“Ideologia pode significar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial que os indivíduos vivenciam suas relações como uma estrutura social até as idéias falsas que legitimam um poder dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evitá-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse”. (ŽIŽEK, 1996. p. 9).

Dessa maneira, foram assimiladas algumas características que compõem o fenômeno que é a ideologia, através da concepção materialista, histórica e dialética. Tendo como princípio as condições resultantes da divisão social do trabalho, percebe-se como essa separação permite uma aparente autonomia dos produtores do trabalho intelectual, já denominados anteriormente como pensadores, responsáveis pela reprodução das ideias da classe dominante, produtora do trabalho intelectual e detentora das condições e dos produtos do trabalho. No entanto, essa fictícia dominação de ideias sobre os homens que não compõem a mesma classe, é verdadeiramente uma dominação de homens sobre homens, cuja experiência imediata é manipulada através da ideologia. Esse fenômeno é então uma abstração da realidade, uma ilusão<sup>18</sup>, construída sobre a base real da divisão social e, permanecendo no imediatismo do *aparecer social*<sup>19</sup>, o modo como o processo social é vivenciado.

Para compreender o tema, partimos de suas primeiras definições, das mais simples até as mais bem elaboradas, além de buscar contemplar as contemporâneas explicações. A partir das elucidações e pontuações, pode-se concluir que a dominação de uma classe sobre a outra vem sendo o principal pilar do sistema capitalista e, esse mesmo utiliza de todos os recursos ideológicos que dispõe, como a fetichização, reificação e alienação, para perpetuar sua hegemonia. De forma que esses recursos ideológicos só podem ser denunciados a partir de um posicionamento crítico que abarque todos os aspectos das relações e condições de produção e reprodução do meio social. Através do materialismo histórico e dialético, pode-se recorrer às análises das ideias, instituições, discursos e conceitos, resultantes dos mesmos recursos ideológicos, que se relacionem com as condições históricas.

O capitalismo é a ordem mais pluralista que a história já conheceu, sempre transgredindo limites e dismantando oposições, misturando formas distintas de vida e sempre excedendo a medida. Toda essa pluralidade, é preciso dizer, opera dentro de limites muito rigorosos; mas isso ajuda a explicar por que alguns pós-modernistas sonham avidamente com um futuro híbrido, enquanto outros estão convencidos de que esse futuro já chegou. (EAGLETON, 1998, p. 48)

---

<sup>18</sup> Ver Marilena Chauí, O que é ideologia, São Paulo, 1984, p.104

<sup>19</sup> Idem p.105

Quando entendemos que a lógica do capitalismo demanda que sofra alterações e permaneça em crise para que possa conservar-se o mesmo, conseguimos compreender que a alienação, a reificação e a fetichização estejam tão presentes no capitalismo contemporâneo, quanto eram no século XIX, quando os termos foram cunhados. Sobre esses fenômenos, comenta Eagleton,

“Um exagero semelhante, desta vez com relação ao valor da ideologia dominante, encontra-se no trabalho da Escola de Frankfurt. Para Herbert Marcuse e Theodor Adorno, a sociedade capitalista definha nas garras de uma reificação que a tudo permeia, desde o fetichismo da mercadoria e os hábitos de fala até a burocracia política e o pensamento tecnológico. (...) A alienação final seria não saber que estivemos alienados. (EAGLETON, 1997. p 52.)

A perpetuação da ideologia burguesa, através da difusão midiática principalmente, se dá no mundo contemporâneo através da exaltação do indivíduo e da universalização da mercadoria, simultaneamente. Essa dicotomia entre um discurso individualista e as práticas globalizantes do mercado, caracterizam a pós-modernidade.

### **Referências:**

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. 125p.(Primeiros passos; 13).

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**, São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1999

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 1997. 204 p.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo, Editora Ática, 1996. p. 27-79.

LAUREANO, P. S.; PEIXOTO JUNIOR, C. A. **Três pontos de vista sobre o capitalismo atual: um estudo a partir de Harvey, Jameson, Zizek, Deleuze e Negri**. *Psicologia e Sociedade*, 26(1), 2-11. 2014.

LARRAÍN, Jorge. **Concepto de ideología: La escala a sociedad del individuo. Vol. 1: Marx**. Santiago, LOM Ediciones, 2007

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe, estudos sobre a dialética marxista**, São Paulo, Martins Fontes, 2003. p. 194-241.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**, São Paulo, Martins Fontes, 1998 p. 3-55.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 279 p.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real! Cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. (org.) **Um Mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj [et al]. **Zizek crítico: Política e Psicanálise na Era do Multiculturalismo**. Editora Hacker, São Paulo, 2005. p. 11-45.